

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

ANA PAULA COSTA BERARDINELLI

TUDO QUE HÁ, DENTRO DE NÓS: CONEXÃO E FAZER DENTRO DE ATELIÊS

CRICIÚMA

2019

ANA PAULA COSTA BERARDINELLI

**TUDO QUE HÁ, DENTRO DE NÓS: CONEXÃO E FAZER DENTRO DE
ATELIÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada, no curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. (a) Ma. Édina Regina Baumer

CRICIÚMA

2019

ANA PAULA COSTA BERARDINELLI

TUDO QUE HÁ, DENTRO DE NÓS: CONEXÃO E FAZER DENTRO DE ATELIÊS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Arte e Educação.

Criciúma, 29 de novembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Édina Regina Baumer - Prof. Mestre em Educação - (UNESC) - Orientador

Prof. Odete Angelina Calderan - Prof. Mestre em Artes Visuais - (UFSM)

Prof. Angélica Neumaier - Prof. Mestre em Educação - (UNESC)

Dedico esta pesquisa a todos os professores artistas que promovem, instigam e proporcionam a vivência do aluno no ensino da arte. Todo professor foi aluno, todo aluno é artista. A luta é nossa.

AGRADECIMENTOS

Sou grata à minha família por terem me proporcionado uma educação com princípios baseados no amor, na sabedoria e na liberdade de escolha; agradeço por terem me incentivado a concluir esse importante passo na minha vida acadêmica.

Agradeço ao meu parceiro e amor que está sempre ao meu lado e soube conduzir com paciência e calma esse período de finalização e conclusão de curso: seu carinho e afeto foram fundamentais para que eu atingisse meus objetivos.

Agradeço a minha orientadora Édina Regina Baumer por ter acreditado no meu potencial, ter estado presente em todos os momentos nos quais precisei esclarecer dúvidas e por me orientar da melhor forma possível.

Agradeço a minha professora Zaira De Luca, que abriu as portas do seu ateliê para que eu desenvolvesse esta pesquisa baseada nas suas experiências como artista. Sua trajetória de estudo dentro da cerâmica em espaços não formais me instigam, me inspiram e me enriquecem como aluna, artista e futura professora.

Agradeço a todos os meus clientes que compram, compartilham e acreditam no meu trabalho. Isso me permite produzir dentro do meu ateliê e viver da minha arte. Sou eternamente grata a essa possibilidade.

Por fim, agradeço à vida pelos privilégios concedidos dentro da sociedade e realidade do nosso país.

Muito obrigada!

“Só quando deixo o ateliê, quando estou na rua, é que percebo que nada mais à minha volta é verdadeiro.”

Jean Genet

RESUMO

Esta pesquisa parte do questionamento de quais as contribuições que o ensino de artes em modalidades não formais podem trazer para o desenvolvimento artístico e cultural de jovens e crianças. A metodologia parte da escolha da a/r/tografia por ser uma abordagem que envolve práticas de professores artistas e onde o pesquisador pode falar de sua identidade. A a/r/tografia possibilita ainda que o pesquisador use a sua criatividade na busca de saberes que não são exatos e valoriza tanto o percurso quanto o resultado final. Teve como objetivo geral abordar algumas questões que permeiam o ensino da arte em espaços não formais e como objetivos específicos investigar a experiência de alunos em relação ao ensino da arte em espaços não formais para além de arte como disciplina de grade curricular, assim como trazer considerações a partir das contribuições do ensino não formal para a formação docente. Essas inquietações crescem em mim desde que me vejo com uma infância que transita entre os ambientes de escola e os ambientes de ateliê mas o fato de questionar e observar as crianças dentro do meu ateliê, motivou a definição por este tema de pesquisa. A partir deste estudo percebo que no espaço não formal há possibilidade para a experimentação, observação e vivência, o professor consegue formar e capacitar suas didáticas afim de tornar o ambiente numa plataforma de conteúdo e inspiração para o aluno que ali se desenvolve. Há um processo maior de interação entre professor, aluno e o objeto de conhecimento. A convivência dentro do ateliê faz com que os alunos se tornem mais sensíveis e observadores, o que torna fácil o diálogo entre professor e aluno. Os espaços não formais são meios capazes de transformar o que é aprendido em sala de aula, o aluno se coloca como observador e questionador do que está em sua volta, logo as duas modalidades podem se complementar. Ao fim da pesquisa concluo também pela importância dos espaços não formais na docência dos professores de artes. O espaço não formal nos permite articular melhor suas proposições, nos fazem experimentar, nos dão espaço. O espaço não formal aproxima o professor e o aluno, e tudo ali dentro torna-se verdadeiro e intenso. Quando oportunizamos experiências e vivências reais aos alunos, estamos contribuindo para a parcela da educação que engrandece, afirma e questiona.

Palavras-chave: Ensino de arte. Espaços não formais. Docência. Ateliê.

LISTA DE IMAGENS

Foto 1 – Crianças pintando no ateliê	21
Foto 2 – Pintura na porcelana	22
Foto 3 – Pintura em porcelana	24
Foto 4 – Ateliê Zaira de Luca	29
Foto 5 – Ateliê Zaira de Luca	30
Foto 6 – Ateliê Zaira de Luca	31
Foto 7 – Ateliê Zaira de Luca	32

SUMÁRIO

1 EM CASA	11
2 NA ESTRADA	14
3 NA ESCOLA	19
4 VIVÊNCIA	19
5 NO ATELIÊ	25
5.1 OBSERVAÇÃO	25
5.2 O DIÁLOGO	27
6.0 AMPLIANDO POSSIBILIDADES	33
7.0 CONCLUSÃO	36
REFÊRENCIAS	38

1 EM CASA

"Se estivesse claro pra nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação.". (FREIRE, 1996).

O processo de pesquisa cresce em mim desde que me vejo com uma infância que transita entre os ambientes de escola e os ambientes de ateliê. Aos oito anos iniciei as aulas de pintura na Fundação Cultural Jorge Zanatta¹, ou seja, aulas fora da escola, na parte da manhã. Conforme fui crescendo, nunca deixei de olhar para esse período dos meus oito anos e das aulas de pintura no ateliê da Fundação como algo que pode ser extraordinário na vida de uma criança. Construindo esse pensamento agora, na fase adulta e como futura professora, consigo desenvolver melhor o que via de tão extraordinário e importante: a magia de se criar, reinventar e conhecer um mundo fora da escola.

Na Fundação Jorge Zanatta conheci obras as quais me admiram os olhos até hoje, fruto do quão marcante foram. Consigo perceber que essa marca não fora apenas por ter contato com a obra em si, ou por estar somente em um ambiente não formal de ensino e sim pela dinâmica na qual éramos inseridos. Das 8 da manhã as 11, uma vez por semana, eram horas destinadas a esse processo de aprendizagem de artes em ambiente não formal de ensino, e é nesse ponto que percebemos o papel desse espaço na construção de ensino e aprendizagem para uma criança e no que ele se difere do ensino de artes dentro da sala de aula. Um não anula o outro e sim se complementam. Trago essas reflexões a partir do que pude observar conforme fui concluindo meus estágios obrigatórios, e conforme as oportunidades que tive de observar e estar presente nas modalidades informais do ensino de arte.

Atualmente me vejo como futura professora artista. Concluindo minha graduação em Artes Visuais licenciatura e trabalhando dentro de um ateliê com pintura em porcelana. Vejo o reflexo das modalidades não formais de ensino de quando eu pude ter aulas na infância refletirem para a modalidade de educação na

¹ Fundação Cultural Jorge Zanatta: Também conhecido como Centro Cultural Jorge Zanatta, foi inaugurado na década de 1940 para o funcionamento do Departamento Nacional de Produção Mineral. Hoje a fundação oferece oficinas de arte, dança, teatro e exposições de artes plásticas. Situada no centro de Criciúma-SC.

qual eu escolho como futura professora hoje. A porcelana e a cerâmica são materiais fortes e frágeis, durante toda a sua existência é algo que carrega lembranças². Comecei a pintar porcelana há alguns anos e através disso pude realizar uma oficina com crianças de 10 e 11 anos, onde elas puderam pintar suas próprias peças. A porcelana e a cerâmica são peças que estão diretamente ligadas ao cotidiano, e a partir do momento que a pessoa produz a própria peça ela é protagonista desse ato, essa peça irá carregar memórias, individualidade, lembrança e vivências. Nesse sentido, esta pesquisa se torna especial: a conexão e o reflexo do fazer artístico fora do ambiente escolar.

Os capítulos dialogam conforme a pesquisa vai acontecendo no seus respectivos tempos. O primeiro capítulo traz a introdução, na qual eu apresento meu percurso como acadêmica e futura docente. Falo sobre o meu processo de construção para buscar o tema e o foco da minha pesquisa.

No segundo capítulo – nomeado *Estrada* – em que descrevo a *Direção/metodologia* busco trazer as metodologias usadas para o desenvolvimento da pesquisa, apoiando-me nas palavras de Dias;Irwin (2013) em *A/r/tografia pesquisa educacional baseada em arte* e Minayo (2012) em *Pesquisa social, teoria, método e criatividade*.

No terceiro capítulo – que nomeio de *Escola* – trago as possibilidades que o ensino de artes em ambientes não formais podem trazer para o desenvolvimento artístico e cultural do aluno, especificando também as particularidades do ensino em ambientes formais (escolar) e não formal. Neste capítulo apoio-me nas palavras de Gadotti (2005) em *A questão da educação formal/informal*; também em Gohn (2006) em *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Cito também brevemente Bianconi; Caruso (2005) para o site *Ciência e Cultura em Apresentação educação não-formal*.

No capítulo que denomino *Vivência* trago meu relato de oficina dentro do meu ateliê, como inspiração para a pesquisa deste trabalho. Neste capítulo uso como referência Melo (2001) em *O papel mediador do professor no processo de ensino- aprendizagem da arte na educação infantil* para o livro *Reflexões sobre o ensino das artes*.

² Neste trabalho não aprofundarei os conceitos de cerâmica e porcelana, por dar ênfase ao ensino de arte em espaços não formais de educação. Poderia tratar da pintura, lambe ou desenho.

No capítulo em que nomeio *Ateliê* trago as considerações sobre o que observei e conversei dentro do ateliê da ceramista, artista e professora Zaira De Luca. Trago novamente Gadotti (2005) e também Ferraz e Fusari (2009) em *Metodologia do Ensino de Arte, fundamentos e proposições*. Me envolvo com a dissertação de mestrado de Margarete Nicolosi Barbosa Soares pela USP (2010) em *Ateliê de artes visuais para crianças: buscando fundamentos, compreendendo o essencial*. E também trago Freire (1996) em *Pedagogia da autonomia*.

Os capítulos transitam como um caminho que passa por espaços não formais e formais, criando assim relações entre eles. Dentro da pesquisa e referenciais teóricos consigo esclarecer os questionamentos que levanto ao longo do percurso.

2 NA ESTRADA

Este estudo tem como objetivo geral abordar algumas questões que permeiam o ensino da arte em espaços não formais e como objetivos específicos busquei investigar a experiência de alunos em relação ao ensino da arte em espaços não formais para além de arte como disciplina de grade curricular, assim como trazer considerações a partir das contribuições do ensino não formal para a formação docente.

Pensando em propor esse espaço de convívio fora das salas de aula, conectando o professor artista e seu espaço de trabalho como uma extensão do ensino, apresento o relato de uma breve oficina feita com duas crianças de 10 e 11 anos dentro de meu ateliê, como um movimento motivador e propulsor para esta pesquisa. E conversei com a professora Zaira De Luca, em seu ateliê, para conhecer mais sobre essa possibilidade.

Nesta pesquisa adentro como futura professora, pesquisadora e artista e escolho a *a/r/tografia* como metodologia, por ser uma abordagem que envolve práticas de professores artistas e onde o pesquisador pode falar de sua identidade.

[...] a *a/r/tografia* gera *insights* inovadores e inesperados ao incentivar novas maneiras de pensar, de engajar e de interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor. O ponto crítico da *a/r/tografia* é saber como desenvolvemos inter-relações entre o fazer artístico e a compreensão do conhecimento.” (DIAS, 2013, p. 24).

A *a/r/tografia* como pesquisa viva permite que haja a experiência dentro da pesquisa, seja com o pesquisador-artista, com educadores ou com alunos.

A partir dessas questões levantei o problema da pesquisa – os espaços não formais de educação contribuem no desenvolvimento artístico cultural do aluno? – e investiguei a importância que o ensino não formal traz na formação de crianças e adolescentes, para além da sala de aula e também na formação de futuros professores. Assim, busquei questionar e observar as crianças dentro da modalidade não formal de educação, especificamente no ensino de artes; além disso, procurei embasar alguns conhecimentos prévios que trago comigo, visitando o ateliê da professora Zaira De Luca e a entrevistando, dentro do procedimento de coleta de dados coletados

A *a/r/tografia* possibilita ainda que o pesquisador use a sua criatividade na busca de saberes que não são exatos e valoriza tanto o percurso quanto o resultado final. Assim esses pesquisadores podem “[...] usar as formas qualitativas de coletar dados das ciências sociais (levantamentos, coleta de documentos, entrevistas, observação participante, etc.) e frequentemente também se interessam por histórias de vida, lembranças e fotografias.”. (IRWIN, 2013, p. 29).

Considerando uma pesquisa voltada para o professor artista e o cenário fora dos ambientes formais de ensino, busco investigar a experiência dentro do ateliê de cerâmica. A investigação tem caráter qualitativo, pois busca uma compreensão juntamente com questionamentos levantados ao longo do percurso.

As Ciências Sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedade, ainda que de forma incompleta e insatisfatória. Para isso, ela aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas apresentações. É desse caráter especificamente qualitativo das ciências sociais e da metodologia apropriada para reconstruir teoricamente seu significado que trata o presente trabalho. (MINAYO, 2002, p. 15).

A pesquisa é baseada educacional baseada em arte, trazendo a vivência do pesquisador com as produções e experiências artísticas para o percurso da pesquisa e permitindo-o que possa relata-las buscando assim compreender o resultado das práticas alternativas dentro do ensino da arte. Conforme traz Hernández em *A/r/tografia*, a perspectiva literária:

É aquela que trata de conectar num relato as diferentes formas de experiências dos sujeitos, utilizando, para isso, formas literárias como a poesia, a inserção de diferentes tipos de relatos- inclusive de ficção - com a finalidade de que as histórias a que se referem não só contenham experiências de quem 'fala' mas que permitam aos leitores encontrar espaços onde vejam refletidas suas próprias histórias. (HÉRNANDEZ, 2013 p.47).

Nessa direção trago também algumas imagens afim de que conversem com os relatos descritos neste trabalho; são fotografias produzidas por mim mesma nos diversos momentos da investigação.

3 NA ESCOLA

O ensino de artes em espaço não formal traz um complemento para o que se é trabalhado em sala de aula. Percebi conforme fui me apropriando das questões da docência, que a sala de aula, muitas vezes, limita muito, principalmente nas aulas de artes, quando na maioria das vezes nos deparamos com espaços pequenos, tempo curto para desenvolver projetos e falta de estrutura para acolher uma disciplina que exige materiais dos mais diversos tipos. Isso resulta em alunos e professores cansados, estressados, desanimados e faz com que a disciplina não atinja seus objetivos. Conforme Gadotti, vale reforçar que:

Na educação não-formal de ensino, a categoria **espaço** é tão importante como a categoria **tempo**. O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não-formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação de múltiplos espaços (GADOTTI, 2005, p 2).

O ensino de arte vem para trabalhar a criatividade e as diversas formas de expressão através de linguagens. Para isso é preciso considerar muito da individualidade de cada criança, no entanto a escola pode algumas vezes intimidar o aluno por questões de notas e aprovações, fazendo-nos pensar em dois grupos: o grupo dos alunos e o outro grupo, dos professores. Além dessa divisão é comum a comparação entre alunos baseando-se em uma média e uma nota ao fim do período. Isso traz uma visão equivocada de que a escola é apenas uma fase a ser cumprida e de que não importa como, mas se você atingiu o padrão desejado está apto a passar de fase.

O ensino de artes em espaços não formais resgata e trabalha a individualidade de cada criança, as maneiras nas quais gostam de se expressar e como se sentem mais à vontade para conhecer e entender o conteúdo proposto, sem que exista uma aprovação avaliativa baseada em notas. Quando a criança ou adolescente consegue se compreender e se explorar dentro de uma atividade proposta, fica muito mais claro suas áreas de interesses e tudo flui de maneira muito mais orgânica. Nesse percurso, Bianconi;Caruso, (2005) para o site *Ciência e Cultura em Apresentação Educação Não-Formal* afirmam que:

O sucesso de todas essas iniciativas nos fazem acreditar que o ensino não-formal tem ainda um enorme potencial a ser explorado, principalmente no que diz respeito à sua capacidade de motivar o aluno para o aprendizado –

valorizando suas experiências anteriores –, de desenvolver sua criatividade e, sobretudo, de despertar o interesse do jovem pela ciência.

Esta pesquisa busca uma reflexão sobre como a Arte como componente curricular – nas escolas – e o conhecimento cultural artístico obtido em espaços não-formais de educação, podem caminhar juntos quando trabalhadas de forma a indagar e questionar a criança, afim de que motive e instigue sua capacidade criativa. Entendendo-se que o conhecimento da Arte parte de experiências no campo do estético e no campo da produção em diversas linguagens, trago nesse processo de pesquisa a importância da vivencia fora dos ensinios formais e especificamente na linguagem visual. É de extrema notoriedade que seja esclarecedor os pontos que diferem o ensino de arte em modalidade formal da educação em espaços não formais, conforme esclarece Gadotti (2005, p.2):

A educação formal tem objetivos claros e específicos, e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de 'progressão'. Podem ter duração variável, e podem ou não conceder certificados de aprendizagem.

A escola é um espaço de extremo e importante convívio social, nas quais há trocas diretas entre alunos, e professores, onde a criança entende e aprende sobre o mundo, teorias e linguagens. As práticas não formais em artes as inteiram e as fazem observar de forma sensível, sendo assim conseguem diferenciar compreendendo tudo o que lhes é passado dentro desse ambiente escolar. Observar e analisar tornam-se exercícios diários e essas duas modalidades de ensino podem se complementar quando há um bom embasamento curricular envolvendo ambas; o ensino de arte não está somente dentro da sala de aula como disciplina mas sim e especialmente fora dela, e é interessante que isso seja explorado, conforme destaca Gohn (2006, p. 32)

Em hipótese alguma ela substitui ou compete com a Educação Formal, escolar. Poderá ajudar na complementação dessa última, via programações específicas, articulando escola e comunidade educativa localizada no território de entorno da escola. A educação não-formal tem alguns de seus objetivos próximos da educação formal, como a formação de um cidadão pleno, mas ela tem também a possibilidade de desenvolver alguns objetivos que lhes são específicos, via a forma e espaços onde se desenvolvem suas

práticas, a exemplo de um conselho ou a participação em uma luta social, contra as discriminações, por exemplo, a favor das diferenças culturais etc.

Quando o aluno tem a oportunidade de vivenciar o mundo também fora do ambiente escolar, possibilidades e oportunidades se abrem para ele. Os ambientes em que transita são capazes de inspirar e propor novas maneiras de observação e contato com o mundo. A partir dessas vivências – além do convívio escolar – o aluno consegue colocar em prática e organizar melhor suas habilidades, individualidades, expressões e a maneira como se enxerga no mundo. O aprendizado se dá de formas constantes porque durante todo o tempo as crianças estão aprendendo. Estender as modalidades de ensino é ampliar os horizontes da criança.

Através dos estágios obrigatórios e não obrigatórios percorridos ao longo da graduação, pude compreender que o ensino de arte em espaços não formais transforma a experiência e o olhar de quem pode experimentá-lo. Fui uma criança contemplada com aulas de artes fora do ambiente escolar: na Fundação Jorge Zañatta tinha contato com a natureza que ali estava presente, com salas de música, exposições de artes que a todo momento estavam acontecendo, pessoas diferentes do meu cotidiano escolar e outras crianças também. O fato que ao observar esses acontecimentos, em minha vida, posso justificar que há um reflexo como aluna desses ambientes em uma futura professora de espaços não formais de ensino. O professor é um aluno e o aluno é um futuro professor.

4 VIVÊNCIA

Como forma de relato, trago uma curta e significativa oficina realizada dentro do meu ateliê. Trabalho com pintura em porcelana e convidei duas crianças para participarem de uma tarde, com a duração total de cinco horas, no período do mês de junho. As crianças foram convidadas pois sua mãe conhece meu trabalho como artista e me contou brevemente a vontade das crianças em conhecerem meu ateliê, desenhos e pinturas; aproveitei para iniciar minha pesquisa como futura professora e analisar como seria uma oficina em espaço não formal. Propus então uma tarde com pinturas em porcelana, que é com o que trabalho atualmente, a proposta foi recebida com muito entusiasmo pelas crianças, Miguel tem 10 anos e Alice 11, ambos estudam na mesma escola da rede privada e residem em Criciúma.

Foi proposto às crianças realizarem suas próprias peças no ateliê, as quais as acompanhariam por muito tempo em seus futuros cotidianos. A porcelana e a cerâmica tem uma carga de memória muito grande por serem uma peça na qual há muita durabilidade, podem ser passadas de gerações em gerações, e estão constantemente presente no dia a dia de todas as pessoas, em forma de utilitários, objetos decorativos, ou até mesmo joias.

Durante a oficina as crianças puderam estar em contato com todas as peças já produzidas por mim, e com os materiais para a confecção dessas peças: forno de queima de cerâmica/porcelana, tintas especiais, pincéis, peças e outros trabalhos disponíveis no ateliê. Foram também apresentadas a alguns artistas por meio de vídeos no youtube, e por fotos no instagram, que trabalham com porcelana e cerâmica nos dias de hoje, e também puderam conhecer as pinturas clássicas que carregam toda a história da pintura em porcelana no mundo, por meio da internet.

O contato com o ateliê despertou olhares curiosos e indagações a partir do que viam, o que foi trazendo um movimento mais fluído e a vontade para as criações e expressões propostas para a pintura das peças, além do que as crianças se mostram mais pacientes, ouvintes e questionadoras.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que ensinar arte vai além de possibilitar a aproximação da criança com a linguagem cultural expressa no meio social; atinge a possibilidade de contribuir para que essa criança amplie sua compreensão do mundo em que está inserida, de sua própria história enquanto ser humano, bem como de se reconhecer autora de suas produções e ações nesse mundo. (MELO, 2001, p. 61).

Perguntei a elas se na escola já participaram de alguma oficina de artes que envolvesse cerâmica ou porcelana, ambos responderam que não, mas já haviam mexido com argila, e não sabiam como pintar a porcelana.

Depois conversamos sobre o que sabiam sobre arte contemporânea, me disseram que não conheciam tão bem sobre, mas achavam que se tratava de pintores atuais.

Em outro momento da oficina, perguntei como eram as aulas de artes na escola e como eles se sentiam nas atividades propostas pela professora de Artes. Miguel respondeu que era uma das matérias que ele mais gostava, e Alice complementou falando que era bom pra ela também. A experiência no ateliê foi notada como uma atividade diferente das quais estavam acostumados sempre, se mostraram empolgados durante toda a oficina. A ação parte mais uma vez para embasar que os resultados provindos dos resultados da educação de maneira não formal fluem e acontecem a partir dos movimentos feitos espontaneamente, através do que sentem, pensam na hora da oficina.

Tempos depois da oficina, pude tomar conhecimento de que as crianças usam as peças que produziram nos seus cotidianos. O processo do fazer com o uso dessas peças, torna a prática muito significativa. Desde da escolha de peças, tintas, cores e pinceis fora uma escolha individual que partiu de cada um. Puderam expressar a partir de todas as outras vivências que já tinham tido relacionada a vida em si, as aulas de artes que já frequentaram e colocar em prática quais composições queriam para o fazer daquelas peças. A prática se estende para além do momento da oficina e o contato com os materiais e técnicas, uma lembrança duradoura pelo processo do objeto feito pelas próprias crianças, no qual irá acompanhar e poderá ser usado por estas por incontáveis anos e momentos.

A escolha por relatar essa prática da Pintura em Porcelana, vem para registrar o que talvez seja o início das minhas pesquisas como professora artista, dentro do meu atual trabalho. Seleciono também esse caminho como atividade, para mostrar, neste estudo, o poder do fazer criativo que insere-se na porcelana como lembrança e como objeto utilitário também.

Foto 1 Crianças pintando no ateliê



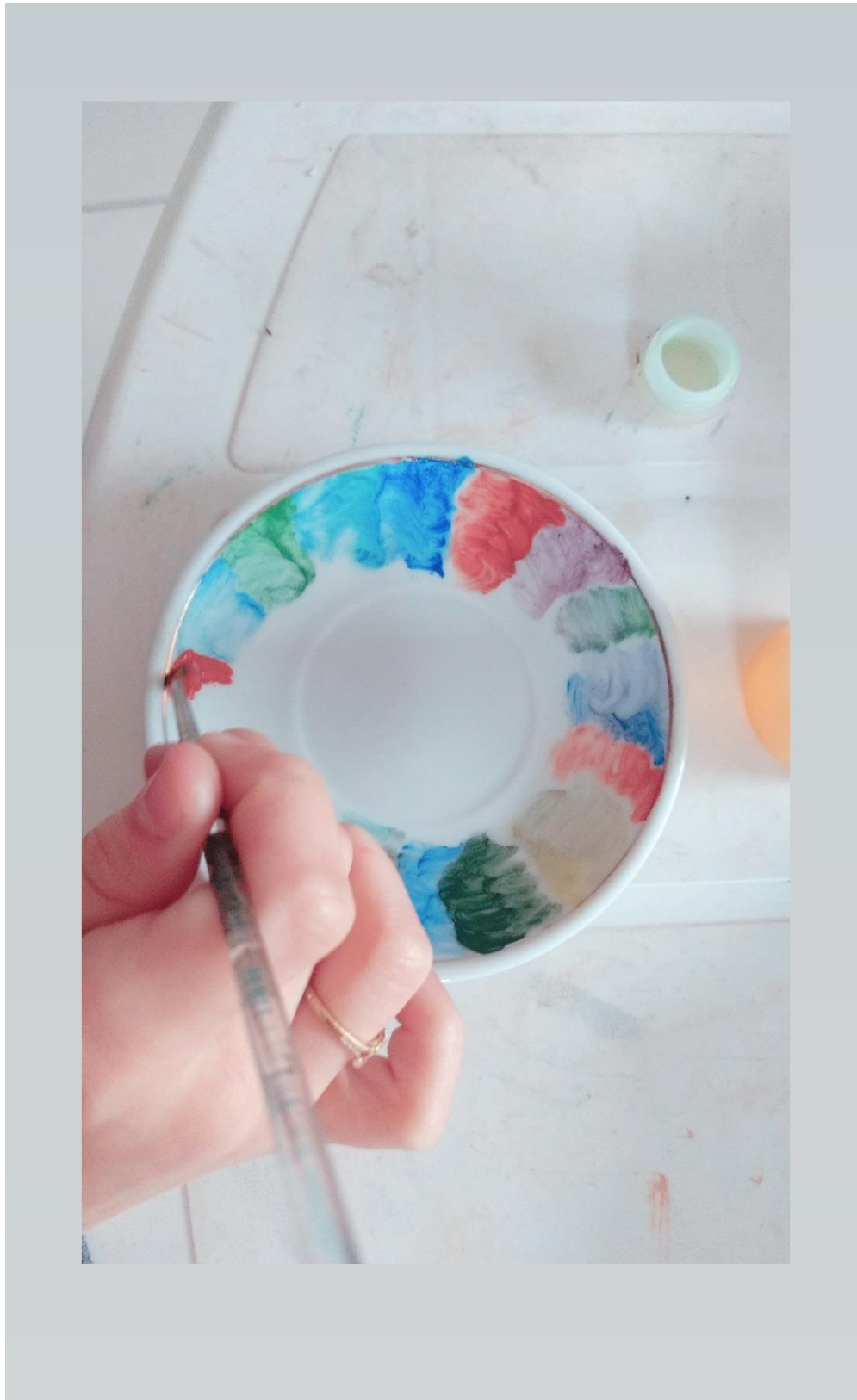
Fonte: acervo da pesquisadora

Foto 2 Pintura na porcelana



Fonte: acervo da pesquisadora

Foto 3 Pintura em porcelana



fonte: acervo da pesquisadora

5 NO ATÉLIE

Como procedimento de coleta de dados da pesquisa, visitei o ateliê da professora, artista e ceramista Zaira De Luca, no qual também sou aluna. Zaira é formada pela UNESCO em Artes Visuais Licenciatura e ao longo da sua carreira profissional fez vários cursos internacionais e nacionais na área de cerâmica. Hoje tem seu ateliê no centro de Criciúma, no qual faz suas peças de cerâmica e dá aula, tanto para adultos quanto para crianças. A escolha do ateliê da Zaira para essa pesquisa se justifica por ser esse espaço um ateliê não formal de ensino e um ateliê de cerâmica que é um material que instiga de formas diversas, tanto na textura, quanto no processo de criação. Na cerâmica as crianças criam objetos para uso pessoal e participam de todas as etapas, tais como a esmaltação, queima, e finalização das peças. Segundo a dissertação de Soares (2010, p.186),

- O trabalho com a massa cerâmica produz expectativa para a próxima aula, pois a própria massa seca e altera seu aspecto, as cores mudam depois de ir para o forno, essa expectativa é estimulante para a criança. - A possibilidade de conhecer o forno de cerâmica e compreender o processo por qual ela passa desde o início até o final a faz detentora de um conhecimento aprofundado do processo de linguagem artística.

Sendo assim, podemos perceber que o processo de produção dentro do ateliê podem ser estendido por fases nas quais o aluno é protagonista. Dentro do seu tempo de trabalho, e dos seus gostos e particularidades.

5.1. A OBSERVAÇÃO

A minha visita ao ateliê como pesquisadora observadora se deu em outubro e foi muito agradável. Nas quartas feiras pela manhã das 9h as 11h, o espaço de cerâmica da Zaira é aberto a crianças na faixa etária de 10 anos. Zaira já deu aula de cerâmica em escolas e conseguiu conversar comigo de uma forma bem esclarecedora sobre as diferenças entre ensinar dentro de uma sala de aula – no caso na sala de artes das instituições e escolas nas quais já trabalhou – e ensinar de maneira livre e orgânica no seu ateliê.

No dia que cheguei para observar o tempo não estava muito bom e logo no começo do nosso diálogo Zaira já me disse que não sabia se seria um bom dia, pois as crianças gostavam muito de brincar na parte externa do ateliê. Isso me fez voltar as minhas lembranças de quando eu fazia aula de artes na Fundação Cultural Jorge Zanatta conforme descrevo na introdução desta pesquisa, o quão vivida é a memória da brincadeiras no pátio do ateliê e o quanto aprendíamos brincando.

Brincar é um dever para a criança. Não é só um direito. Um dever para tornar-se um adulto completo. É a extensão do direito de aprender. Porque a criança aprende brincando. Ela brinca para construir sua identidade e construir seus conhecimentos. O primeiro direito da criança é o direito a uma **identidade própria**. Brincar é coisa séria para a criança. (GADOTTI, 2005, p. 5).

Sou também aluna de cerâmica da Zaira e durante todo meu processo no ateliê dela pude ver as peças que as crianças criavam na cerâmica. Eram panelinhas, xicarazinhas, pingentes e até porta celulares. Aqui consigo perceber constantemente o poder do observar o cotidiano: dentro do ateliê as crianças conseguem expressar o que vivem no dia a dia, trazendo esse inspiração para as peças em criação. Conforme destaca Soares em sua tese de mestrado pela USP,

Quando o ateliê propicia este movimento de desabrochar interior por meio de fazer, ver, ouvir, falar, sentir, inicia-se uma aventura que promove a busca e a descoberta humana. Nele, o essencial é possibilitar esse descoberta do ser que se revela no objeto, é ser um ambiente adequado para promover o ser-fazer e o pensar-sentir da criança, é aquele que a acolhe, a impulsiona e a possibilita para o movimento de busca dessa descoberta, fazendo ela explorar o seu entorno, observar o espaço onde está inserida, desvendar a natureza, representar o mundo, organizar suas imagens internas, conhecendo obras de arte e, por fim estabelecer um contato com o fenômeno arte. (SOARES, 2010, p.188).

Como atividade além da cerâmica, a professora Zaira orientou as crianças no dia da minha observação, a fazerem um painel de colagem, com recortes de revistas. Segundo ela essa atividade as auxiliava como uma fonte de inspiração para novas produções, além disso as crianças conversam entre si sobre seus gostos e individualidades. O cotidiano está inserido na forma como desenvolvem suas particularidades e como as podem conduzir dentro de seus trabalhos.

5.2. O DIÁLOGO

No diálogo afim de percorrer a minha pesquisa embasando-a com a experiência e afirmação de um professor que atua em um espaço não formal de ensino dentro do ensino de arte, mais precisamente com a cerâmica, pude questionar as outras visões que percorrem o meio do ensino em modalidade não formal.

Zaira De Luca, atua como professora há 30 anos e durante a sua trajetória experimentou o ensino da arte em modalidade formal, dentro da escola, mas na maior parte desses anos se concentrou em ensinar no seu ateliê, onde trabalha atualmente, com cerâmica, ensinando crianças e adultos.

Durante a conversa questionei-a se no seu desenvolvimento como professora teve aulas dentro de ateliês e espaços não formais. Zaira não demora em me responder que sim, em muitos. Teve uma grande formação em São Paulo em ateliê de cerâmica, onde conseguiu a partir daí seguir para o mundo afora. Estudou em Firenze na Itália onde ficou alguns meses e no Japão onde ficou um mês aperfeiçoando seus estudos e trabalhos. Me contou que sua formação fora toda dentro de ateliês após se formar na faculdade e que a cerâmica só entrou na sua vida quando começou a frequentar esses ateliês. Esse dado nos revela o quão significativo fora o papel dos espaços não formais para a trajetória docente e artística de Zaira. Conforme destaca Ferraz e Fusari

Conhecer artistas, ver como trabalham, observar suas obras é outro passo para aprender a pensar e apreciar arte. A observação atenta do trabalho artístico e a sua inserção na sociedade, a sua identificação, a percepção da linguagem e dos significados que contém, são conhecimentos específicos do campo artístico e que aprimoram tanto o processo de produção como a percepção estética. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p.29).

A partir da análise entre a formação docente vinda de espaços não formais para professores artistas que se estendem além do curso de licenciatura, pode-se observar que as contribuições dos espaços não formais de educação no ensino da arte se permeiam na importância da formação e vivência docente. Com o espaço para a experimentação, observação e vivência, o professor consegue formar e capacitar suas didáticas afim de tornar o ambiente não formal uma plataforma de conteúdo e inspiração para o aluno que ali se desenvolve.

Habitamos esse mundo de várias formas, e nos sentimos seguros com essa forma de existir, por estarmos acostumados, e assim nosso ser vai se desenvolvendo, dentro de uma forma de existir. O ateliê possibilita um deslocamento desse "habitar", acreditamos que pode proporcionar uma outra forma de existência no mundo. Uma forma que talvez possa lhe oferecer a oportunidade de criar um projeto estético de vida, que vai sendo constituído paulatinamente por meio de vivências estéticas" (SOARES, p.114, 2010).

Há um processo maior de interação entre professor, aluno e o objeto de conhecimento. Conforme Zaira me relatou, a convivência dentro do ateliê faz com que os alunos se tornem mais sensíveis e observadores, o que torna fácil o diálogo entre professor e aluno.

O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. (FREIRE, 1996, p.44).

Respondendo a questão pergunta desta pesquisa, questiono a Zaira a partir dos seu percurso como aluna e professora de espaços não formais: Os espaços não formais de educação contribuem no desenvolvimento artístico cultural do aluno? Zaira me confirma que sim, nas modalidades não formais há uma ligação intensa entre o fazer e o que é vivenciado no ateliê. Colocando como exemplo as práticas dentro do seu espaço de ensino, ela me diz que lá as pessoas ficam mais em contato com a natureza, conseguem observar e se observarem melhor, o que ajuda a desenvolverem trabalhos autorais, livre de cópias.

O trabalho no ateliê suscita o desejo de fazer outros trabalhos em casa, desenhos, origamis, peças com argila para treinar, além de ter estimulado outros interesses como cozinhar por exemplo; o que demonstra uma interação com seu próprio ambiente e novas escolhas. (SOARES, 2010, p.186).

Vários alunos passaram por seu ateliê, alguns deles graduados em Artes Visuais licenciatura; ficaram por um longo período conhecendo e aprendendo sobre cerâmica, até seguirem seus próprios caminhos, construir seus próprios ateliês e serem novos protagonistas da educação em espaços não formais de ensino. Os espaços não formais são meios capazes de transformar o que é aprendido em sala de aula, o aluno se torna observador, questionador do que está em sua volta, logo as duas modalidades se complementam. Gadotti (2005,P.10) defende a "[...] **complementaridade** entre o sistema formal e a grande variedade de ofertas de

educação não-formal, inclusive para enriquecer a educação formal, reforçando modos alternativos de aprendizagem.”.

Através desta pesquisa apoio-me nos dados aqui coletados para afirmar que os espaços não formais de ensino juntamente aos espaços formais podem trazer uma complementação enriquecedora para a educação.

Foto 4 Ateliê Zaira De Luca



Fonte : acervo da pesquisadora

Foto 5 Ateliê Zaira De Luca



Fonte: acervo da pesquisadora

Foto 6 Ateliê Zaira De Luca



Fonte: Acervo da pesquisadora

Foto 7 Ateliê Zaira De Luca



Fonte: acervo da pesquisadora

6 AMPLIANDO POSSIBILIDADES

TÍTULO: Oficina de cerâmica.

JUSTIFICATIVA:

Como proposta educativa curricular trago a oficina de argila para os ambientes não formais e também como proposta de oficina esporádica para dentro do ambiente escolar. Através desta proposta busco oportunizar as práticas criativas em cada um. Com a modelagem da argila, o aluno se sentirá livre para explorar e criar o que o cerca dentro do seu cotidiano como um todo. Com o exercício de observação do cotidiano, ele despertará sua visão para tudo o que lhe cerca. A oficina busca criar relações de troca entre o cotidiano e o fazer artístico, onde os alunos se tornem mais sensíveis para suas vivências no mundo afinal, conforme Melo (2001, p.55), cada um:

[...] tem suas próprias idéias, suas interpretações e representações sobre arte e o fazer artístico, que são cultivadas no decorrer dos anos; [...] sofre a influencia da cultura desde cedo, não somente no meio que está inserida, como também pelas imagens da TV, revistas em quadrinhos, rótulos, vídeos, obra de arte, entre outras.

Através da oficina – seja num espaço formal ou não formal de educação – o aluno irá se conectar com lembranças e memórias que os objetos cotidianos trazem para ele. A cerâmica irá eternizar esse momento do fazer artístico. Trabalhando com ela, o aluno também irá se envolver em todas as etapas do processo, desde a coleta de objetos cotidianos que ele considera importante na sua vida, até as fases de modelação desse objeto, queimas, esmaltação etc.

É interessante que o aluno se torne pesquisador da sua própria prática, assim se tornando o protagonista dela. Entre as observações coletadas e a construção da atividade, é possível que esse aluno consiga explorar suas individualidades e perceber a importância que há em ele ser o personagem principal nessa criação. Conforme Soares (2010 p.188) ressalta,

A possibilidade de seleção, escolhas, decisões, espera, concentração, autodisciplina, responsabilidade por seus fazeres, embate com a matéria, frustrações e realizações no ateliê, assim como leituras de obras de arte e imagens do mundo, diálogos com artistas, com o que é criado hoje e o que foi feito no passado, colaboraram para o desenvolvimento de um ser humano crítico atento e dono de suas próprias ideias, seus próprios fazeres, saberes e pensares (...)

A conexão que o aluno cria quando consegue expressar suas ideias para a construção do trabalho, traz a ele e ao professor uma melhor harmonia na atividade.

EMENTA: Oficina de Artes em Espaços não-formais de Educação.

PROPOSTA DE CARGA HORÁRIA: 8h em espaço não formal / oficina na escola 4 aulas; (45min cada)

PÚBLICO ALVO: Professores e acadêmicos de Artes Visuais (licenciatura e bacharelado).

OBJETIVO GERAL: Proporcionar o contato com o cotidiano e com o fazer artístico, num processo de criação com a cerâmica, em uma oficina.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Realizar peças em cerâmicas que refletem no cotidiano.
- Refletir sobre a individualidade através de coletas dos objetos usados no dia a dia, tornando assim um olhar mais sensível ao que está inserido a nossa volta.
- Experimentar o processo de criação em um espaço não-formal de educação em artes.

METODOLOGIA:

No primeiro encontro, com tempo previsto de 3 horas, vamos conversar sobre o que se reflete do cotidiano, em nossas vidas. O que o cotidiano representa e como podemos explorar as possibilidades de criação. Iremos conversar sobre objetos que acompanham a nossa vida, através de conversas e diálogos abertos. Iremos também investigar outros artistas ceramistas que trabalham com a memória e a individualidade dentro da cerâmica, por meio de slides. Com jornais e revistas iniciaremos um processo de colagem, coletando peças que usamos diariamente. Com essa atividade de colagem, os alunos farão um esboço, um projeto envolvendo suas respectivas inspirações para que na próxima aula consigam ter em mente ao

certo o que irão produzir. Nessa atividade também conseguirão conversar entre si, relatando suas vivências até então. Os alunos deverão trazer também na próxima aula objetos que os acompanham no dia a dia.

No segundo encontro, continuaremos a oficina com os objetos coletados pelos alunos, nessa aula iremos abrir uma roda de conversa onde os alunos poderão falar de seus objetos e como esses objetos tem importância nas suas vidas, com duração prevista de 2 horas. Em seguida irão modelar a argila criando uma versão do objeto em cerâmica o qual poderão carregar para sempre. Nesse processo os alunos poderão dialogar e ver a construção de outros colegas.

No terceiro encontro, em um período de 2 horas, os alunos irão finalizar suas peças. As peças irão pra queima e neste ultimo encontro poderão lixar suas peças e dar os acabamentos necessários poderão também pintar e esmaltar as peças com cores que acharem que se encaixa melhor.

No quarto e último encontro, as peças estarão prontas e queimadas. Os alunos terão possibilidade de ver como ficou ao longo dessas etapas, e conversar entre si. Nessa aula irão criar etiquetas para suas peças, nas quais escreverão sobre elas, o porque escolheram essas peças, e os que elas representam em suas vidas. Numa roda de conversa os alunos poderão refletir sobre a atividade, a escolha e construção de suas respectivas peças. Ao fim dessas etapas, iremos fazer uma pequena exposição aberta a comunidade.

7 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa consigo concluir meus questionamentos como futura professora artista dentro dos espaços não formais de ensino. E posso também afirmar que o ensino não formal pode vir como um grande e potencial complemento para o que se é trabalhado dentro de sala de aula.

Durante toda minha trajetória como criança, aluna e acadêmica me vi conectada ao não-formal, e percebo agora dentro da minha pesquisa como tudo se conecta quando podemos parar e observar o que está ao nosso redor. Conseguimos intermediar nossas particularidades como seres humanos, organizar nossas experiências estéticas, afim de que isso contribua para o nosso desenvolvimento artístico cultural, e é isso que os espaços não formais são capazes de construir dentro dos ambientes possíveis de ensino-aprendizagem.

A oficina propulsora dentro do meu ateliê me motivou a querer ultrapassar as barreiras das salas de aula, nas quais realizei vários estágios ao longo do curso. Percebo que dentro do ateliê é onde me sinto a vontade para vivenciar, experimentar e me desenvolver como professora e ser humano. O espaço não-formal de ensino nos dá tempo, calma e inspiração.

Digo que esta pesquisa tenha sido um compilado de experiências nas quais eu pude vivenciar até agora. A escolha principal para o estudo foi dentro do ateliê de cerâmica da professora Zaira De Luca que também é minha professora de cerâmica. Durante todos os meses de aula pude coletar e observar dados que enriqueceram o percurso da minha pesquisa e a partir da sistematização com a observação e o diálogo, pude responder a questão problema levantada. Trago o ateliê de cerâmica como peça fundamental para embasar todas as experiências que o ensino da arte fornece e concludo que a cerâmica conecta o aluno a natureza e o aproxima do seu próprio cotidiano. Unindo texturas, cores, formas e tamanhos, e cerâmica traz uma imensa reflexão de que tudo torna possível no fazer artístico.

Quando oportunizamos experiências e vivências reais aos alunos, estamos contribuindo para a parcela da educação que engrandece, afirma e questiona. Infelizmente ainda temos modelos de educação formais dentro do ensino de artes que não cooperam com as vertentes que se devem ser exploradas para que a criança desperte suas capacidades criativas, lúdicas e para que ela se veja como

protagonista de suas próprias criações e do seu próprio fazer. E infelizmente também a educação em espaços não formais não vem sendo algo acessível na realidade do nosso país. Deixo como sugestão aqui, mais oficinas aliadas com as escolas, oficinas nos pátios, nas comunidades, nas ruas. A escola tem voz, e a complementação dos espaços não formais com esta nos traria um potente cenário a ser escrito para o futuro.

Concluo também nesta pesquisa a importância dos espaços não formais na docência dos professores de artes. O espaço não formal nos permite articular melhor as didáticas das aulas, nos fazem experimentar, nos dão espaço. O espaço não formal aproxima o professor ao aluno, e tudo ali dentro torna-se verdadeiro e intenso.

Diante da finalização deste trabalho me sinto como se este fosse apenas o começo de uma longa trajetória como futura docente, e artista. Dentro desta pesquisa concluo apenas uma parte das várias outras que estou prestes a descobrir.

REFERÊNCIAS

- BIANCONI, M. Lucia; CARUSO, Francisco. **Apresentação Educação não formal**. 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400013>. Acesso em: 8 nov. 2019.
- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em artes: A/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013, 244p.
- DIAS, Belidson. A a/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs). **Pesquisa educacional baseada em artes: A/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 21-26.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários as práticas educativas**. 1996. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2019.
- GADOTTI, M. A **questão da educação formal/não-formal**. institut international des droits de l'enfant (ide) Droit à l'éducation:solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse),18 au 22 octobre 2005.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas na escola**. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405/>>. Acesso em: 8 nov. 2019.
- HERNÁNDEZ, Fernando H. A pesquisa baseada nas artes: proposta para repensar a pesquisa educativa. In: DIAS, Belidson; IRWIN,Rita L. (Orgs). **Pesquisa educacional baseada em artes: A/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013.p. 39-62.
- IRWIN, Rita L. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs). **Pesquisa educacional baseada em artes: A/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 27-38.
- MELO, Christianne Pereira O. O papel mediador do professor no processo de ensino- aprendizagem da arte na educação infantil. In: PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting.(Orgs) **Reflexões sobre o ensino das artes**. Joinville: Univille, 2001. P. 46-61.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 2002. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2019.
- SOARES, Margarete Barbosa Nicolosi. **Ateliê de artes visuais para crianças: buscando fundamentos, compreendendo o essencial**. 2010. Disponível

em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-26112011-220119/publico/DISSERTACAO_MARGARETE_SOARES.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2019.